

Copyright 2009 © Oyama de Alencar Ramalho

*

CAPA
Fotografia de
João Ramalho Neto
Lago de Camargos – MG -Brasil

ILUSTRAÇÕES
Luca Ramalho Rizzuti

Para meu neto Hugo

Era véspera de Natal e, desde cedo, a família se reunia na casa do meu avô. Cada um cumpria as tarefas determinadas pelos comandos organizados e enérgicos da minha avó. Eu mesmo tinha acabado de chegar do supermercado, de onde trouxe vários ingredientes para a ceia que estava sendo preparada, e, antes que ela me visse disponível e me desse nova incumbência, esgueirei-me para a biblioteca. Fechei a porta, dei uma olhada na galeria de fotografias, quadros e nos exóticos instrumentos que faziam parte do que era denominado museu. Assentei-me na cadeira da escrivaninha, abri a gaveta estreita do meio, na qual encontrei uma solitária caderneta encapada de couro. A peça estava ali com uma solenidade de missal, por isso não tive a ousadia de retirá-la do lugar, apenas abri a capa e, na primeira página, com caprichada caligrafia estava escrito: *Diário e Anotações Particulares do Professor Luca Rizzuti*. A princípio tive escrúpulo de ler o que eu supunha ser a intimidade do velho; todavia, logo na primeira efeméride, a frase inicial me aguçou a curiosidade de tal maneira que não pude mais interromper a leitura. Mantive a caderneta aberta dentro da gaveta, que poderia ser fechada rapidamente, na eventualidade de alguém me surpreender na bisbilhotice.

17 de maio — A história que eu vou contar nunca contei a ninguém. Durante muitos anos guardei-a comigo porque, se a contasse do jeito que aconteceu, haveria conseqüências adversas para a minha pessoa. Foi um fato ocorrido numa fronteira muito perigosa, na linha que separa o razoável do ridículo. Afinal eu era professor de universidade, ensinava psicologia experimental e, ao longo do tempo, criei a imagem de um homem voltado para a ciência e para as pesquisas de laboratório. Ainda mais que, por força do ofício, arranjava explicações racionais e convincentes para os casos que os alunos traziam para a sala de aula, cujas interpretações do senso comum envolviam causas fictícias e construções teóricas sem suporte empírico. Facilmente eu definia as variáveis, delineava um experimento, através do qual se desvendavam os esquemas de funcionamento do fenômeno. Embora não fosse o meu forte, fiz algumas incursões no campo da chamada percepção, ocasião em que estudei os novos paradigmas da visão operante em oposição aos casos tradicionais de alucinação. Estou dizendo tudo isso para que a questão não seja liquidada em poucas frases e para ressaltar que nas minhas aulas não havia lugar para eventos de um mundo que não fosse o mundo físico da natureza. Houve muitas ocasiões em que alunos impertinentes, querendo me provocar, insistiam numa posição de explicações sobrenaturais; então, eu conduzia a discussão, usando as mesmas estratégias da maiêutica, manipulando convenientemente os conceitos e definições

que eles mesmos usavam, e exigia a conclusão. Era bastante divertido, porque o aluno que antes estava todo assanhado tinha necessariamente que concluir pela existência do saci-pererê ou da cuca. Acrescento que nasci numa fazenda de criação de gado e sempre gostei de ouvir as histórias que eram contadas na cozinha grande e sombria, à luz oscilante de candeias, onde a família e os agregados da casa se reuniam para tomar café antes de dormir. Talvez seja proveniente dessas agradáveis lembranças que tenho da minha infância o gosto que continuo a ter pelo folclore, embora nem sempre as situações fossem prazerosas. Tinha muito medo de algumas histórias e minha avó, quando me pegava acordado depois da hora, sempre me ameaçava, dizendo que ia chamar a mula-sem-cabeça e o lobisomem, caso eu não dormisse imediatamente. Eu cobria a cabeça com o cobertor e ouvia no fundo do travesseiro o bater disparado do meu coração que se confundia com o amedrontador trotar da mula, acompanhado de uivos horripilantes do lobo. Acho que fiz muito xixi na cama por causa disso. Quando me tornei adulto, também contava casos de assombração para os camaradas da fazenda, e narrava com tanta dramaticidade que eles pensavam que eu acreditava na história. Mas uma coisa é folclore, outra coisa é psicologia experimental. Sei que há gente ganhando a vida contando e escrevendo histórias inacreditáveis, o que não era nem é o meu caso. Como professor eu era um cientista e não ficava bem tratar de credices como se eu fosse um tolo.

Hoje, estou aposentado, com uma idade propecta, e pouco me importa se o que digo tenha esta ou aquela conseqüência, e mesmo distante dos meios acadêmicos, sinto dificuldade de chegar ao ponto, ao qual já poderia ter chegado, e dizer logo o que aconteceu; contudo, sem essas introduções, qualquer um ia pensar que eu estivesse simplesmente brincando, — e eu nunca fui de brincadeira com as coisas sérias —, ou que estivesse senil, mentecapto ou desassisado, — o que ainda não estou. Não sei se foi suficiente minha caracterização como homem de ciência, respeitado, com vários trabalhos publicados e traduzidos até para o norueguês e, portanto, jamais poderia ir dizendo assim, de qualquer maneira, uma coisa esquisita, sem mais nem menos (...)

Aonde será que o vô quer chegar com todo esse prefácio? Será que ele tinha intenção de publicar algum acontecimento alarmante?

(...) Aconteceu, já se passaram uns quinze anos. Eu ainda estava na ativa, antes de cair na compulsória, quando fui passar um fim de semana na represa de Camargos. O rio que forma o lago é o Grande, aquele que, no mapa, traça o risco de baixo do nariz de Minas Gerais. Fui com a família toda, mulher, filhos, genro e meu neto, que, na época, tinha quatro, quase cinco anos. Resolvi

fazer uma aventura que, havia muito tempo, tinha vontade de fazer: pegar um barco motorizado e percorrer as águas da represa até a barra do rio Aiuruoca, um dos afluentes do Grande. Assim eu me recordaria de uma caçada de capivara, da qual participei, antes de existir a barragem, quando o rio corria rápido, solto e livre. Naquela ocasião, os barcos eram movidos pelos braços fortes do barqueiro, que navegava rio acima, apoiando um varejão de bambu no fundo, dando um galeio com o corpo e empurrando o barco com as pernas. A caçada começava no alvorecer e lá pelas três da tarde chegávamos à confluência dos dois rios, onde se formavam belíssimas praias de areia muito branca e fina. Ali se fazia um suculento churrasco e a caçada terminava em festa com muita cachaça.

Deixemos, porém, os rodeios e vamos à história propriamente dita. Convidei minha mulher para ir comigo, mas ela não só rejeitou como foi contra a idéia; meu filho disse que preferia passar o dia dormindo na rede; meu genro também se esquivou; minha filha casada e a solteira alegaram que tinham de providenciar o almoço; meu neto (...)

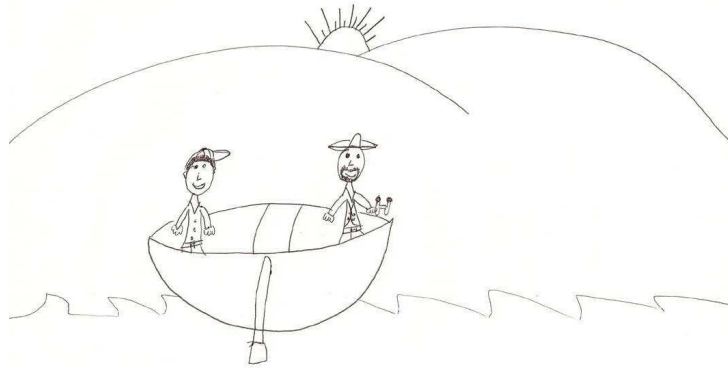
Quando li as palavras *meu neto*, aquele dia me veio como um cinema, apesar de que já faz muitos anos. Vi a minha vó, falando que era um perigo sair de barco sozinho e que com água não se brinca, mais uma cantilena de homéricos perigos, mas o meu vô estava determinado.

(...) aderiu imediatamente à idéia; vestiu o colete salva-vidas, pôs água no cantil, canivete no bolso, uma faquinha na cintura, chapéu de palha e se apresentou demonstrando uma incomensurável alegria: “— Vamos, vô.” (...)

Foi assim mesmo, eu ainda tenho o canivete e a faquinha que levei. Naquela noite custei a dormir — ainda bem que não convocaram a mula-sem-cabeça e o lobisomem —, pensando na grande aventura do dia seguinte. Minha vó passou o resto da tarde tentando embargar o passeio e só sei que acordei com o chamado do meu vô, sinalizando que eu não fizesse barulho, pois ainda era madrugada. Ainda me lembro que junto das minhas coisas alguém colocou uma blusa de lã.

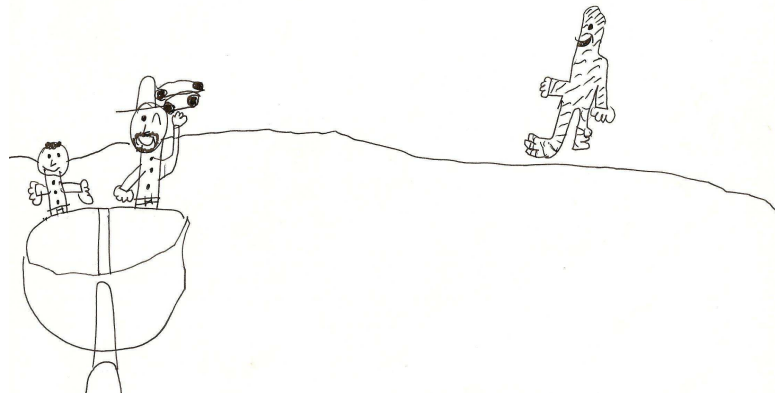
(...) Combinei que sairia assim que clareasse o dia, para estar de volta no fim da tardinha; preparei a matula com uns sanduíches, um mapa da região, meu facão de mato e, por um acaso dos acasos, coloquei no embornal um binóculo inglês que tinha sido do meu avô.

Lá fomos nós, eu e meu neto, num barco com motor de popa de dois tempos, lento, porém seguro e confortável. O dia estava soberbo, sem vento que incomodasse as águas espelhadas e claras da represa.



Noutra feita, poderei narrar o enorme trajeto que fizemos porque valeu a pena desfrutar as belezas e surpresas que foram aparecendo em cada meandro do percurso, porém, para abreviar a história, vou pular o tanto de coisas que vi e deram satisfação ao meu neto, grande companheiro, que, naquela época, estava na idade de perguntar e querer saber tudo. Durante a derrota fui contando mil histórias conhecidas e outras que inventava, e seria mais ou menos meio-dia quando avistei o areal que se formava no encontro dos rios. Devia estar a uma distância de uns quinhentos metros da praia, e indiquei a meu neto o lugar onde iríamos encostar o barco para comer nossos sanduíches e tirar um cochilo, antes de voltar. Ao aproximarmos mais um pouco da praia, vi um vulto andando na areia. Reparei que ele viu o barco ou escutou o barulho do motor, e então, parou alerta na beira do rio, parecendo que estava olhando em nossa direção e ainda pôs a mão na testa como pala de boné para dissipar o excesso de claridade. Não falei nada com meu neto, mas notei que ele também já tinha visto o tal vulto, aliás, deve ter visto antes de mim, já que era um observador e tanto. (...)

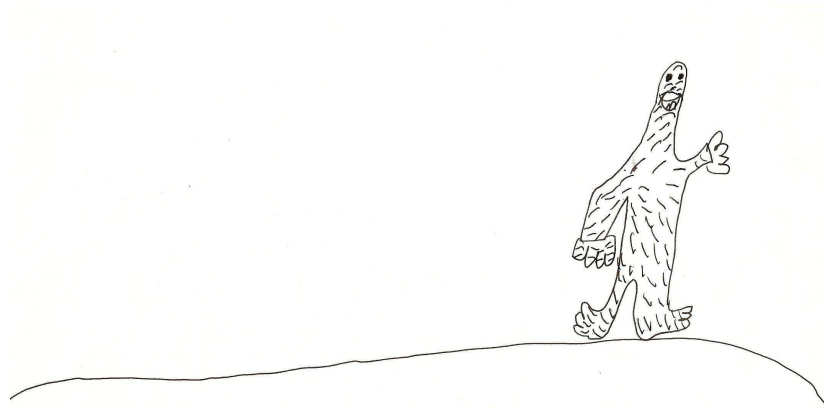
Vi mesmo e achei que era uma figura dos meus livros de história. Continuo bom observador e não sabia que esta característica vem de tão longe. (...) Peguei o binóculo, encostei o barco na margem esquerda, desliguei o motor e olhei.



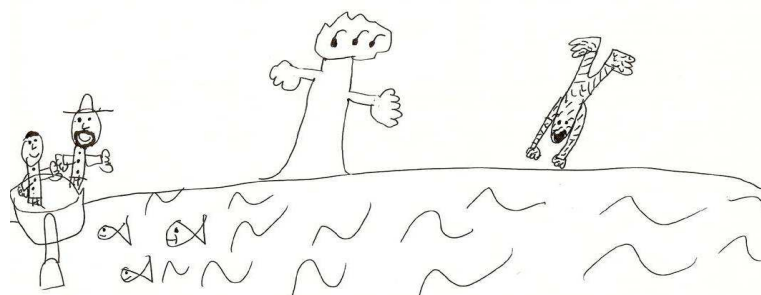
Era mais ou menos da minha altura, talvez um pouco mais alto, inteiramente cabeludo como um macaco peludo. Fiquei indeciso, não sabia se voltava imediatamente rio abaixo, ou se ia rumo à praia, de onde a estranha figura olhava em minha direção. Isto eu pude ver com clareza porque o binóculo me proporcionava enxergar com se estivesse próximo. Resolvi dar partida no motor e chegar mais perto. Ali, o encontro das águas dos dois rios forma um imenso remanso e, sem desgarrar do binóculo, fui chegando, chegando mais perto. É claro que levantei hipóteses e meu pensamento, que trabalhava em altíssima velocidade, passava e repassava diversas possibilidades sobre quem seria aquela estranha figura. Para mim, foi muito difícil admitir o que eu estava vendo, e devo dizer que desde o primeiro momento em que o avistei, falei para mim mesmo: só pode ser o caboclo-d'água. Não ia dizer isso ao meu neto em voz alta porque ele poderia entrar em pânico. (...)

Eu nunca soube disso, o vô nunca comentou nada. Só conheço o caboclo-d'água do dicionário do Câmara Cascudo, e o que ele registra não é exatamente o que eu vi, se bem que o dicionário é de folclore.

(...) Macaco não podia ser, conheço bem as raças existentes na região e não há nenhuma que pudesse gerar um espécime da minha altura e ainda mais que ficasse na posição ereta, como um humano.



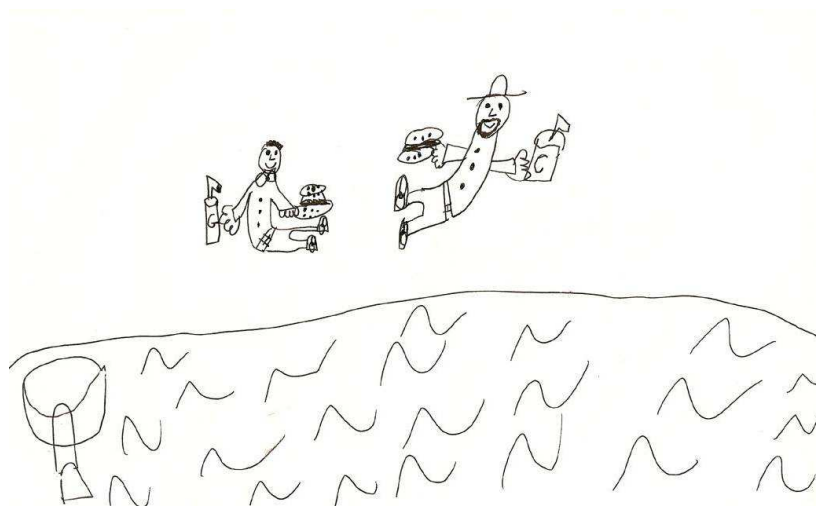
Quando o barco estava a uns 50 metros da praia, a coisa pulou dentro do rio, com estilo de mergulhador experiente,



o que afastou definitivamente a hipótese de ser um macaco, além do que, de binóculo, deu para ver com clareza as feições dele: dentes grandes amarelados numa boca entreaberta que parecia sorrir, nariz pequeno e afilado, olhos fundos de caveira e todo peludo, cor de saco de aniagem, meio gente, meio bicho. Fiquei esperando que ele reaparecesse para respirar, mas nada, sumiu de vez. Então, bordejei o remanso e rumei direto para a praia, desliguei o motor, baixei à terra e amarrei o barco num toco. Verifiquei os rastros, que vinham duma matinha ciliar, estampados numa parte argilosa e úmida, até os que estavam perfeitamente timbrados na areia branca e fina da praia: cinco dedos, como os nossos, e devia calçar — modo de dizer, é claro, — de 45 para cima.



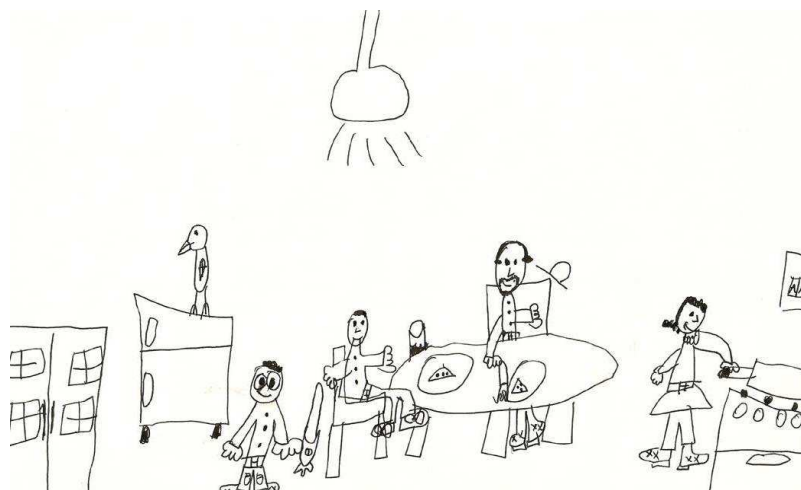
Na hora não me ocorreu picar com o facão um quadrado de argila e levar a pegada para o departamento de zoologia. Meu neto não comentou nada, tinha parado de perguntar e apenas me acompanhava de perto, com a mão grudada no bolso traseiro das minhas calças. Eu também não toquei no assunto, fiz de conta que não tinha acontecido nada de especial. Assentamos no areal, comemos nossos sanduíches, puxei conversa sobre vários assuntos, mas o meu neto ficou calado. Percebi que ele estava muito amedrontado — eu também estava — e, (...)



Hoje, não sei avaliar se fiquei amedrontado ou não. É possível, sobretudo porque se o meu vô estava, eu também deveria estar. Eu era craque para discriminar sutilezas e, durante algum tempo, na roda familiar, tive apelido de antena parabólica.

(...) nessas ocasiões, o melhor que se faz é diminuir síndrome de ativação e evitar que ocorram condicionamentos indesejáveis. Meia hora depois, descemos o rio, em silêncio, e alcançamos as águas represadas de Camargos, já no fim da tarde. Não contei o fato em casa, e, como disse no início, nunca contei esta história a ninguém, nem meu neto, que eu saiba, nunca

falou sobre o assunto. (...)



Acho que não falei nada porque meu vô também não falou. Se ele não falou, por que falaria eu? Tenho a impressão de que se contasse o que aconteceu, a primeira consequência seria dar razões à minha vó, que ganharia força para impedir a minha participação em outros passeios desse tipo. Mas não me lembro dessas questões mais complicadas, me lembro mesmo das cenas, das figuras, das imagens e nem podia imaginar que os fatos aconteceram como meu vô está narrando. Será que outras pessoas já leram este diário?

(...) Lembrei-me de tudo isso hoje, pois assisti, de relance, a um pedaço de um programa na TV Cultura e ouvi o depoimento de um velhinho desdentado, das beiras do São Francisco, que dizia: “— O caboclo-d’água de dia não aparece, com os barulhos de motor dos barcos, mas nas horas mortas da noite ele vem e pede um pedaço de fumo para mascar. Se o pescador der, ele encaminha os peixes para o anzol, se não der ele espanta o cardume e ninguém pega nada...”

Há muita diferença entre mim e um matuto da roça. O matuto pode contar casos na televisão, fica por conta do exotismo do folclore, e o espectador vê o contador como um pobre coitado que acredita em lendas. Eu mesmo, nos meus tempos de criança, ouvi inúmeras histórias do caboclo-d’água como ente imaginário, assim como o Curupira, o Boitatá, o Negrinho do Pastoreio, a Iara e o esquecido Sumé. Naquela época, se eu desse uma entrevista a um jornal, ou aparecesse na televisão, sendo quem eu era, imagino que muitas pessoas acreditariam em mim; mas quem menos gostaria de que acreditassem era exatamente eu, que estava cansado de demolir crendices. Se eu fosse ficcionista ninguém me levaria a sério, ainda que o caso fosse verdade, como foi, pois somente uns poucos inocentes ainda acreditam em ficção. (...)

Que foi verdade, foi, e se for preciso, juro em minha alma.

(...) Existem fundações, institutos e associações de estudiosos de óvnis, as quais acumulam relatos de pessoas sérias, como comandantes de avião e pilotos militares; investigam a autenticidade de fotografias; desfazem as farsas; cruzam informações e depoimentos daqui e dali, para sustentar a crença de que há objetos voadores não identificados nos céus do mundo inteiro. Não serei eu quem vai fundar uma associação de estudiosos do caboclo-d'água, pois que nunca tive a coragem de mencionar o que vi, conforme acabei de contar, tendo meu neto como testemunha, mas assim como eu vi, outros também já viram e ainda verão e tomara que apareça algum corajoso que crie uma instituição que se dedique ao assunto. Uma instituição, registrada em cartório, sempre tem maior credibilidade do que uma pessoa; tem estatuto; constitui patrimônio; é declarada utilidade pública; tem conselho curador, presidente, secretário, tesoureiro e diretores; faz reuniões e lavra termos; organiza congressos, simpósios e seminários; registra marcas no INPI; tem página na Internet; cobra anuidades; faz convênios; mantém intercâmbio com instituições congêneres, recebe verbas, subvenções e patrocínios das leis de incentivo fiscal, gera empregos e renda, enfim, a coisa vai longe. (...)

Acho que esta parte é ironia do meu vô. Naquela época estava na moda o tal de gerar emprego e renda... e, pensando bem, de fato, a coisa vai longe, muito longe...

(...) Atualmente já estou muito velho para conduzir um barco pela represa afora, mas se meu neto quiser pegar no leme, (...)

Ah! vô, por que não me falou? Eu ia, eu vou!

(...) nem que seja para me recordar daquele dia, ainda me animo a voltar à barra do Aiuruoca. Pode ser que meu neto fale alguma coisa a respeito da visagem, embora tenha permanecido em silêncio esses anos todos. É claro que se ele falasse na época do acontecido, tudo seria creditado à sua imaginação, que andava fissurada nas histórias do Harry Potter. (...)

É verdade, devo ter assistido aos filmes uma centena de vezes.

(...) Ele não estava com o binóculo, mas tenho certeza de que viu, como eu. (...)

Vi sim, vô, vi, pode ter certeza!

(...) Se algum dia voltarmos àquela praia, — levarei também fumo de rolo e a máquina de retrato — pode ser que outro caboclo-d'água ou aquele mesmo esteja por lá. Estou disposto a acampar na praia, já que foi dito que ele gosta de aparecer nas horas mortas da noite. Quem sabe?

Enquanto mil idéias me passavam pela cabeça, misturadas com muita saudade e algumas lágrimas, fez barulho na maçaneta da porta. Num átimo fechei a gaveta e simulei que estava vendo o mapa-múndi em cima da mesa.

— Eu sabia que você estava aqui, seu maroto. Que

foi no seu olho que está vermelho?

— Deve ser conjuntivite, vô.

— Pingue um colírio e vai buscar a leitoinha que está assando no forno da padaria do seu Zé e volte depressa que eu ainda preciso de você.

Fui meditando e decidi: primeiro, esconderei a caderneta do meu vô, vou guardá-la comigo; segundo, na primeira oportunidade que for à represa de Camargos, pegarei o barco e irei direto à barra do Aiuruoca. Vou levar o fumo de rolo e a câmara fotográfica. Quem sabe?

Uma versão desse conto pode ser vista em

<http://www.youtube.com/watch?v=SOTdFAqg6bs>

ou

na categoria VÍDEOS de
Oyama de Alencar Ramalho

